

O DESENHAR DAS CRIANÇAS*

CHILDREN'S DRAWINGS

Friederike Brandeis^{1,†}

As aulas de desenho não pretendem fazer com que todas as crianças se tornem pintoras, mas sim levá-las a ser criativas, independentes para se desenvolver melhor ou buscar fontes de energia, encorajando a fantasia, fortalecendo o pensamento crítico próprio e a capacidade de observação.

O ensino de desenho, como era antes tratado, carrega uma grande culpa pelo empobrecimento da fantasia e pelo esgotamento da criatividade artística das pessoas jovens.

Os melhores aliados contra o produto pronto, contra a imaginação estética enrijecida e o mundo estagnado dos adultos, quando esses são despertados dos seus hábitos, são os verdadeiros artistas, as crianças elas mesmas.

No caso de uma criança com menos de dez anos — entenda-se aqui o nível de maturidade e não a idade —, o professor deve se preocupar principalmente para que ela não seja importunada no seu brincar e nas suas experiências. Ensiná-la não faz sentido, pois, nessa idade narcisista, ela responde a cada interferência fugindo da realização da atividade. Nessa idade, desenhar e pintar são os seus principais meios de expressão.

A criança acima de 10 anos começa a ficar insatisfeita com seus modos de expressão; o ambiente mais amplo ganha sentido para ela — não mais como aquele que existia em sua fantasia, mas como é na realidade —, e só então pode ser instaurado o “ensino da forma”, que não deve, porém, encobrir a sua espontaneidade expressiva. As técnicas de desenho e pintura devem ser apresentadas à criança conforme suas necessidades. Os elementos com os quais ela opera são por natureza os mesmos da “grande arte”, na medida em que leva a criança, por si, a ter consciência deles, abrindo o caminho da “grande arte” para ela: tamanhos, relações entre tamanhos (proporção), ritmo, claro, escuro — escultura — espaço, cor e o valor de expressão do exagero, da sutileza e da composição.

1,†. In memorium. Friederike Brandeis (ou Friedl Dicker-Brandeis) foi designer, artista plástica e professora de artes plásticas, foi assassinada em Auschwitz (1944).

Tradução: Ireô Lima (ireolima@gmail.com)

*NT: Embora as referências acessadas indicassem que o texto *Kinderzeichnen*, de Friedl Dicker-Brandeis, fora escrito originalmente em alemão (Fig. 1), o mesmo parece ter sido transcrito a partir de uma palestra por apresentar frases características da oralidade, trazendo determinados traços dessa, como orações sem conjunção. Na tradução, em alguns momentos, foi preciso realizar um trabalho de recriar as frases para que fizessem sentido no português. Quando viável, optou-se por deixá-lo o mais próximo possível do original, desde que a tradução para o idioma final fizesse sentido.

Número temático organizado por: Lucia Reily e Selma Machado Simão

As ideias das crianças não devem ser dirigidas. Isso não somente seria uma renúncia à possibilidade de penetrar seu ideário, como também perder-se-ia a visão geral sobre o respectivo grau de sua receptividade, habilidade e sua condição psíquica. Caso o pedagogo tenha suficiente experiência para traduzir o objeto concreto para a ideia original, os desenhos oferecerão insights importantes e pistas sobre a vida interior das crianças. Senão, é melhor que ele confie em suas observações cotidianas. Embora a criança aceite cada expansão do seu mundo de ideias com animação e alegria, essa expansão não deve ser imposta. Conhecimentos trazidos à criança em um momento inadequado, acima de sua capacidade ou que sejam introduzidos no instante em que ela esteja ocupada com outros interesses, serão sentidos como uma ruptura no seu mundo e ela reagirá a eles com falta de vontade ou insucesso.

A dificuldade constituída, para o professor, pela falta de meios técnicos, transforma-se em um meio pedagógico quando aquele trava contato com as crianças. O começo é aqui o mais difícil, mas a pobreza dos materiais artísticos é algo que infelizmente continua.

É melhor ensinar um número maior de crianças do que um grupo menor ou apenas individualmente. Mais alunos animam uns aos outros, tornam o ambiente mais estável e quase sempre conseguem impor os bons sobre os ruins. As crianças se beneficiam das ideias umas das outras. Já que o professor não consegue sobrecarregar as crianças com a sua atenção, elas ficam mais voltadas para si mesmas e para as outras. Isso cria algo que mais tarde desempenhará um grande papel na vida, ou seja, o trabalho em grupo — e não indivíduos concorrentes —, visando uma realização coletiva. Por meio de intenso esforço coletivo, e mesmo com recursos pessoais, o grupo e os indivíduos alcançam melhores resultados. Sob essas condições, estão prontos para lidar com a escassez de materiais, a restringir-se, ajudando uns aos outros e se integrando.

A magnífica Casa VI¹ quer pintar. Há bem poucos pincéis, potes de tinta, superfícies para pintura. Os meninos que se juntaram a este grupo (independentemente do programa em que o propósito é pintar) devem saber que todos terão a oportunidade de pintar, não importando quão talentosos sejam; o próprio grupo propõe a sua divisão, embora isso signifique que 3/4 deles terá que esperar. Eles reconhecem a prioridade daqueles que se interessam apaixonadamente pela pintura, estão dispostos a aguardar atrás deles e se ocupam ajudando a preparar o material, contentando-se em misturar as tintas. Eles encontram por si, ou por uma sugestão, outro lugar para as suas variadas habilidades: um organiza uma lista de escala dos grupos; outro gerencia o material e quer ser responsável por isso. Aquele quer manter um diário de pintura, enquanto outros querem apenas pintar ou fazer esboços no papel. Outro está até mesmo pronto para vasculhar e adquirir material. Todas essas atividades não devem ser menos valorizadas; os meninos devem saber que todos terão sua vez.

O número de meninos dobra. Tantos quanto insuficientes pincéis têm que esperar por eles, que os emprestam entre si. Antigamente, costumavam desaparecer nessa casa papéis e papelão. Atualmente, todos os meninos são totalmente confiáveis (parece ser possível, aqui, alocar os mais talentosos para liderar o grupo artisticamente mais fraco).

As folhas, imaginadas como projetos, foram criticadas coletivamente e as melhores escolhidas com objetividade. As crianças, aquelas que trabalham, logo perdem a atitude de crítica cruel e maliciosa. Pode-se extrair muita coisa útil da alteridade e da vida dos que são diferentes e visivelmente não bem-sucedidos. As falhas, ou melhor, as partes insatisfatórias da tarefa dada, dão margem a novas ideias. Ao reconhecer a similaridade não com aquilo que foi pretendido, mas com o acidental, enriquece-se a amplitude de formas de todos. Elas tornam a criança crítica, mas não intolerante as suas próprias tentativas e às dos outros.

Como me perguntam frequentemente sobre o sentido dos exercícios rítmicos, eu quero aqui especialmente motivá-los. Eles se revelam (um resultado paralelo, eles devem submeter, de forma alegre, a mão e toda a pessoa do pintor à sua vontade) como um meio apropriado para transformar uma horda num grupo de trabalho pronto para se dedicar cooperativamente a uma causa, ao invés de se perturbarem mutuamente, culminando em última instância na destruição do seu trabalho. Ademais, isso tira as crianças da sua forma costumeira de pensar e de ver (veremos logo mais o quanto isso é necessário) e as coloca diante de uma tarefa que elas podem realizar com alegria e fantasia e ainda com grande precisão. O cumprimento de uma tarefa gera satisfação, e a concentração necessária para completar a tarefa torna-a capaz de acessar os exercícios para outras impressões. É obrigatório que a impressão seja exatamente auditiva? Não. Basta que seja simples, clara e deve ser variável. Além disso, com essa tarefa, todas as crianças começam do mesmo ponto de partida. O movimento não apenas torna a tarefa divertida, mas também as sintoniza.

Quanto entrave um hábito pode mostrar, isso vivenciei trabalhando com uma classe de meninas de 10 a 12 anos. Muitas delas brincavam com grandes bebês de celuloide. Um dia resolvemos fazer bonecas simplesmente para fazer alguma coisa em conjunto, por exemplo, brincar de teatro. As meninas tinham inibições muito fortes, não achavam nada legal, todas só queriam fazer princesas, estavam insatisfeitas com tudo o que faziam. Finalmente elas me mostraram os bebês — gordos, lisos, de cílios longos, maquiados. Bem, é claro que as suas bonecas de pano não conseguiriam competir. Sugeri então que elas as confeccionassem, com os objetos “feios” que encontraram, uma figura do *Putzkolonne*², e, logo depois, com bom humor, criaram então um *Wassermann*³, cozinheiras, um mágico, animais, bem como um boneco do serviço de banheiro.

A beleza sem contraste, sem conteúdo, aceita sem crítica, ao estilo antiquado⁴ “*rebuscado e pomposo*” de [Hans] Makart⁵ assombra e inibe ainda hoje e aqui.

Tudo que se opõe ao produto pronto, mesmo ao preço da temporária perda das ricas formas, da beleza não experienciada, é ajuda nesta aula. (Primeiramente, a distância da casa dos pais). Elternhaus [campo de Terezín]. A arte popular, a arte primitiva, a pintura moderna, a escultura e, graças ao próprio discernimento, através dos antigos e compreendidos mestres.

Onde uma força reflete sobre si mesma e tenta existir por conta própria sem medo do ridículo, ali brota uma nova fonte da criatividade, e o intento das nossas aulas de pintura tem este objetivo.

Agradecimentos

Agradecemos ao Tomáš Krákora, coordenador do arquivo do Museu Judeu de Praga, pelo envio do link para o documento digitalizado na coleção do Museu. Na Fig. 1, o texto foi redigitado, com indicação de “sic” nas palavras com erros de datilografia. Ao redigitar o texto datilografado na imagem digitalizada, nota-se que a máquina de datilografia utilizada não contém a tecla para o Eszett (ß) e para Umlaut em vogais maiúsculas como “Ü”. Foram digitados respectivamente “ss” e “Ue” em substituição dos símbolos ausentes. Fonte: https://collections.jewishmuseum.cz/index.php/Detail/Object/Show/object_id/76332

KINDERZEICHNEN

Der Zeichenunterricht will nicht alle Kinder zu Malern machen, aber allen das Schöpferische, Selbständige als Energiequelle erschliessen oder besser erhalten, die Fantasie anregen, die eigene Urteilskraft und Beobachtungsgabe stärken.

Der Zeichenunterricht wie er früher gehandhabt wurde, trägt eine grosse Schuld an dem Verarmen der Fantasie, dem Versiegen der künstlerischen Schöpferkraft des jungen Menschen.

Die besten Bundesgenossen gegen das Fertigprodukt, gegen die abgestempelten ästhetischen Vorstellungen, die erstarrande Welt des Erwachsenen sind die wahren Künstler und wenn sie aus der Gewohnheit herausgehoben sind, die Kinder selbst.

Bei einem Kind unter 10 Jahren – gemeint ist der Reifegrad, nicht die Jahre – hat der Lehrer hauptsächlich dafür zu sorgen, dass es in seinem Spiel, in seinen Versuchen nicht gestört werde. Es zu unterrichten ist sinnlos, weil es in diesem narzisstischen Alter jede Sinnmischung mit der Abwendung von Tätigkeit erwidert. In diesem Alter ist Zeichnen und Malen ein Hauptausdrucksmittel [sic]

Das Kind über 10 Jahre beginnt mit seinen Ausdrucksmitteln unzufrieden zu sein, die weitere Umwelt gewinnt für es Bedeutung, nicht mehr wie sie in seiner Fantasie besteht, sondern wie sie in Wirklichkeit ist, jetzt erst setzt der Formunterricht ein, der aber das Auflockernde oder das Lockerhalten nicht überdecken darf. Das Technische am Zeichnen und Malen muss genau nach dem Bedürfnis des Kindes ihm dargeboten werden. Die Elemente, mit denen es operiert, sind naturgemäß dieselben, wie die „der grossen Kunst“, dadurch, dass man sie ihm gesondert bewusst macht, hält ihm den Weg zu ihr offen. Grössen, Beziehungen von Grössen (Proportionen) Rythmus, Hell, Dunkel – Plastik – Räumlichkeit, Farbe und die Ausdruckswerte von Ueber- und Untertreibung und Komposition.

Die Einfälle der Kinder sind nicht zu dirigieren. Nicht nur würde man sich einer Möglichkeit begeben in seine Ideewelt einzudringen, man verlöre auch den Ueberblick über den jeweiligen Grad seiner Aufnahmebereitschaft und Fähigkeit und seiner psychischen Verfassung. Falls der Pädagoge genügend Erfahrung in der Uebersetzung aus dem Gegeständlichen zurück ins Ursächliche hat, gewähren die Zeichnungen wichtige Einblicke und Hinweise auf das Seelenleben des Kindes. Sonst verlässt er sich besser auf seine täglichen Beobachtungen. Obwohl das Kind jede Erweiterung seiner Ideenwelt begierig und freudig aufnimmt, darf sie ihm doch nicht aufgedrängt werden. Unzeitgemäss an das Kind herangebrachte Kenntnisse, seien sie über sein Fassungsvermögen [sic], oder fielen sie in eine Zeit, in der andere Interessen es erfüllen, empfindet es als Einbruch in seine Welt und reagiert mit Unlust und Misserfolg darauf.

Die Schwierigkeit, die die Kargheit der technischen Mittel für den Lehrer darstellt, lässt sich wohl in ein pädagogisches Mittel umschaffen, wenn er einmal Kontakt mit den Kindern hat. Der Start ist hier das Schwerste, aber die Armut der Ausdrucksmittel ist etwas, was bedauerlich bleibt.

Es ist besser eine grössere Anzahl von Kindern zu unterrichten, als eine kleinere Gruppe, oder nur einzelne. Mehrere feuern einander an, gestalten die Stimmung stabiler, setzen fast immer die gute gegen die schlechtere durch. Die Kinder profitieren eines von den Ideen des anderen. Schon dadurch, dass der Lehrer sie nicht mit seiner Aufmerksamkeit überlasten kann, sind sie mehr auf sich und auf einander angewiesen. Dadurch entsteht etwas, das später im Leben eine ungeheure Rolle spielt, nämlich Arbeit einer Gruppe, nicht konkurrierende Einzelne, eine Gesamtleistung. Durch die intensive gemeinsame Bemühung, gerade mit den persönlichsten Mitteln erzielt die Gruppe und die einzelnen die besten Resultate. Unter diesen Umständen sind sie auch bereit mit den Schwierigkeiten des knappen Materials fertig zu werden, sich zu bescheiden, einander zu helfen, sich einzuordnen.

Das prachtvolle Heim VI will malen. Es sind zu wenig Pinsel, Farbtöpfe, Wände da. Die Buben, die sich zu dieser Gruppe zusammengetan haben (unabhängig vom Programm zum Zwecke des Malens) müssen wissen, dass sie alle zum Malen kommen, egal, in welchem Grade sie begabt sind, schlagen selbst die Teilung der Gruppe vor, obgleich das für 3/4 bedeutet, dass sie später drankommen. Sie erkennen die Ueberlegenheit der leidenschaftlich am Malen Interessierten an, sind bereit hinter ihnen zurückzustehen und bereit sich mit Helfen, Wändevorbereiten, Farbenmischen, zu begnügen. Sie finden selbständig oder auf Ratschlag anderen Platz für ihre verschiedenenartigen Begabungen, einer führt eine Liste und Einteilung der Gruppen, verwaltet das Material und will dafür verantwortlich sein, ein anderer will ein Malertagebuch führen, andere wollen nur beim Malen helfen oder Entwürfe auf Papier machen. Einer ist sogar bereit, Material aufzustöbern und herbeizuschaffen. Alle diese Beschäftigungen dürfen nicht an Wert einbüßen, die Buben müssen wissen, dass sie alle drankommen.

Die Buben doppelt. So viele als ungleiche Pinsel mussten auf sie warten, sie sich sie gegenseitig leihen. Früher verschwand in diesem Heim Papier und Karton, jetzt sind alle Buben vollständig zuverlässig (es müsste auch gelingen hier die Begabteren einzusetzen zur Führung einer malerisch schwachen Gruppe).

Die Blättern waren als Entwürfe gedacht, wurden gemeinsam kritisiert und objektiv die besten ausgewählt. Die Kinder, die selbst arbeiten, verlieren sofort die boshaft-höhnische Art der Kritik. Man kann aus dem Anderssein und Leben der nicht ungenüßlichen Erfolgreichen eine Menge Brauchbares herausholen. Die Fehler, oder besser die im Sinne

der gestellten Aufgabe unbefriedigenden Teile geben Anregung zu neuen Ideen. Durch Erkennen der Aehnlichkeit zwar nicht mit dem Angestrebten, aber mit den Zufälligen bereichert sich der Formenshaftz aller. Sie machen das Kind kritisch, aber nicht unuldnsam gegen seine Versuche und die der anderen.

Da ich öfter gerade nach dem Sinn der rythmischen Uebungen gefragt werde, will ich sie hier gesondert mitivieren [sic]. Sie erweisen sich (ein Nebenresultat, sie sollen Hand und die ganze Person des Malers beschwingt und gefügig machen) als geeingnetes Mittel eine Horde in eine Arbeitsgruppe zu verwandeln, die bereit ist, sich gemeinsam einer Sache hinzugeben, statt sich gegenseitig zu stören und sogar ihre Arbeiten zu zerstören. Ausserdem haben sie das Kind aus der Denk- und Sehgewohnheit heraus (wir werden gleich später sehen, wie nötig das ist), stellen es vor eine Aufgabe die es lust- und fantasievoll und dabei mit der grössten Präzision erfüllen kann. Die Erfüllung einer Aufgabe schafft ihm Genugtuung, die dabei notwendige Aufmerksamkeit macht es fähig, es auch zusammengesetzteren Eindrücken entgegenzubringen. Muss es gerade ein Gehörseindruck sein? Nein – es muss nur einfach, eindeutig, es muss variabel sein. Ausserdem haben die Kinder mit dieser, ausserhalb des Gewohnten liegenden Aufgabe den gleichen Start, der Gleichklang macht sie nicht nur lustig, er stimmt sie auch gleich.

Was für eine Hemmung, die Gewohnheit darstellen kann, habe ich in einer Mädchenklasse von 10 – 12 jährigen ganz intensiv erlebt. Mehrere von ihnen spielten mit grossen Celluloidbabies. Wir wollten eines Tages Puppen machen, um damit etwas Gemeinsames zu unternehmen, z. B. Theater spielen. Die Mädchen hatten ganz starke Meinungen, fanden nichts schön, wollten alle Prinzessinnen machen, waren mit allem, was sie machten unzufrieden [sic]. Schliesslich zeigten sie mir die Babies, dick, glatt, langbewimpert, geschminkt. Damit konnten ihre Lumpenpuppen freilich nicht konkurrieren. Ich schlug vor, aus einem der hässlich gefundenen Erzeugnisse eine von der Putzkolonne zu machen und kurz darauf entstanden bei guter Laune ein Wassermann, Köchinnen, ein Zauberer und Tiere, sowie eine vom Clodienst.

Die gegensatzlose, unkritisch hingenommene, inhaltsfreie „Schönheit“, der Makartstil von Anno [sic] Schnee geistert und hemmt auch noch heute und hier.

Alles, was sich der Fertigware entgegenstellt, auch um den Preis einer vorläufigen Einbusse zu fremden Formenreichtum, an unerlebter Schönheit, ist bei diesem Unterrichts Hilfe. (In erster Linie die Distanz zum Elternhaus.) Volkskunst, Kunst der Primitiven, moderne Maler, Plastiker und durch die auf Grund eigener Urteilskraft verstandene, alte Meister.

Wo eine Kraft sich auf sich besinnt, und versucht durch sich zu bestehen ohne Angst vor Lächerlichkeit, da springt auch eine neue Quelle des Schöpferischen auf und dieses Ziel hat auch der Versuch unseres Zeichenunterrichtes.

Friederike Brandeis

Figura 1. Transcrição do Kinderzeichnen – texto original em alemão.

Notas

1. A Casa VI era o alojamento dos meninos em Terezín.
2. *Putzkolonne* foi o termo usado em Terezín para a brigada de limpeza, que trabalhava na limpeza de oficinas, alojamentos e banheiros.
3. *Wassermann*, literalmente “homem d’água”, é uma figura mitológica da cultura eslovaca e germânica. Trata-se de um ser humanoide que é capaz de transmutação.
4. O termo “*anno Schnee*” é uma expressão austríaca que se refere a algo antigo, antiquado ou ultrapassado. Significa literalmente, o ano da neve.
5. Hans Makart (1840–1884) foi um artista plástico austríaco oitocentista que montou um estúdio que preencheu com suas enormes pinturas, além de inúmeros objetos de decoração incluindo tapeçarias, móveis de antiquários, peles de animais, antiguidades, vasos enormes com ramos secos e plumas, a ponto de não caber mais nada no espaço (ANDERSON, 2015). Seguindo esse estilo (*Makartstil*), ele desenhou outros interiores no final do século para empresas comerciais ou para membros da burguesia de Viena, especialmente os novos moradores das reformadas casas do Ringstrasse de Viena. Para alguns, o *Makartstil* representava uma experiência de fruição para o olhar, mas para os artistas que buscavam a elegância da linha na sua simplicidade, a eliminação do supérfluo na cor e na forma, como Friedl, que estudou na Bauhaus, o entulho desordenado de objetos destoava do caminho da arte moderna.

REFERÊNCIA

ANDERSON, E. Hans Makart’s Technicolor Dream House: Decoration and Subjectivity in Nineteenth-Century Vienna. **West 86th: A Journal of Decorative Arts, Design History, and Material Culture**, Nova Iorque, v. 22, n. 1, p. 3-22, 2015. <https://doi.org/10.1086/683078>